

## IMPACTOS DA PANDEMIA DA COVID-19 SOBRE IDOSOS COM QUADRO CLÍNICO DE FRAGILIDADE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA NARRATIVA

IMPACTS OF THE COVID-19 PANDEMIC ON ELDERLY PEOPLE WITH CLINICAL FRAMEWORK: A BIBLIOGRAPHIC REVIEW NARRATIVE

IMPACTOS DE LA PANDEMIA COVID-19 EM LAS PERSONAS MAYORES COM MARCO CLÍNICO DE FRAGILIDAD: UMA REVISIÓN BIBLIOGRÁFICA NARRATIVA



**JULIANA NASCIMENTO DA SILVA**

Universidade do Estado do Pará | Santarém, Pará, Brasil



**JOSÉ ALEXANDRE DA SILVA JUNIOR**

Universidade do Estado do Pará | Santarém, Pará, Brasil

### Como citar este capítulo:

SILVA, J. N.; SILVA JÚNIOR, J. A. Impactos da pandemia da COVID-19 sobre idosos com quadro clínico de fragilidade: uma revisão bibliográfica narrativa. *In*: FONTES, F. L. L. (Org). **A Saúde Pública Brasileira em Tempos de Pandemia**. Teresina: Literacia Científica Editora & Cursos, 2021, p. 15-26. DOI: 10.53524/lit.edt.978-65-995572-0-0/02



<https://doi.org/10.53524/lit.edt.978-65-995572-0-0/02>

## RESUMO

**OBJETIVO:** Compreender os impactos da pandemia da COVID-19 sobre idosos com quadro clínico de fragilidade. **MATERIAIS E MÉTODOS:** A coleta de dados bibliográficos foi realizada em artigos dos anos 2020-2021, na biblioteca virtual SciELO e nas bases PubMed e Google Acadêmico, com os descritores: Infecção por Coronavírus, Fragilidade, Assistência a Idosos e Idoso fragilizado; e equivalentes em inglês. Foram encontrados 1007 artigos, dos quais 30 respeitaram os critérios de inclusão. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** Em meio a pandemia da COVID-19, idosos considerados frágeis, ou seja, que possuem a chamada síndrome de fragilidade, estão mais expostos a complicações graves quando infectados pelo novo Coronavírus. Reconhecer a síndrome de fragilidade é fundamental para identificar idosos com maior risco de complicações sérias pela doença. Portanto, a síndrome de fragilidade predispõe a pessoa idosa a perdas mais graves, diante de infecção pelo Sars-Cov-2. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Verificou-se, que a pandemia da COVID-19 impacta seriamente idosos que apresentam fragilidade, tendo a condição sido associada a um maior risco de progressão grave da infecção pelo vírus. **PALAVRAS-CHAVE:** Infecções por Coronavírus. Fragilidade. Assistência a Idosos. Idoso Fragilizado.

## ABSTRACT

**OBJECTIVE:** Understand the impacts of the COVID-19 pandemic on elderly people with clinical frailty. **METHODS:** The collection of bibliographic data was carried out in articles from the years 2020-2021, in the SciELO virtual library and in the PubMed and Academic Google databases, with the descriptors: Coronavirus Infection, Frailty, Assistance to the Elderly and Frail Elderly; and equivalents in English. 1007 articles were found, of which 30 met the inclusion criteria. **RESULTS AND DISCUSSION:** In the midst of the COVID-19 pandemic, elderly people considered fragile, that is, who have the so-called frailty syndrome, are more exposed to serious complications when infected with the new coronavirus. Recognizing the frailty syndrome is essential to identify elderly people with a higher risk of serious complications from the disease. Therefore, the frailty syndrome predisposes the elderly to more serious losses due to infection by Sars-Cov-2. **FINAL CONSIDERATIONS:** It was found that the COVID-19 pandemic seriously impacts elderly people who are frail, and the condition has been associated with an increased risk of serious progression of the virus infection. **KEYWORDS:** Coronavirus Infections. Frailty. Old Age Assistance. Frail Elderly.

## RESUMEN

**OBJETIVO:** Comprender los impactos de la pandemia del COVID-19 en las personas mayores con fragilidad clínica. **MÉTODOS:** La recolección de datos bibliográficos se realizó en artículos de los años 2020-2021, en la biblioteca virtual SciELO y en las bases de datos PubMed y Academic Google, con los descriptores: Infección por Coronavirus, Fragilidad, Asistencia al Anciano y Anciano Frágil; y equivalentes en inglés. Se encontraron 1007 artículos, de los cuales 30 cumplieron con los criterios de inclusión. **RESULTADOS Y DISCUSIÓN:** En medio de la pandemia COVID-19, las personas mayores consideradas frágiles, es decir, que tienen el llamado síndrome de fragilidad, están más expuestas a complicaciones graves cuando se infectan con el nuevo coronavirus. Reconocer el síndrome de fragilidad es fundamental para identificar a las personas mayores con mayor riesgo de complicaciones graves por la enfermedad. Por tanto, el síndrome de fragilidad predispone a los ancianos a pérdidas más graves debido a la infección por Sars-Cov-2. **CONSIDERACIONES FINALES:** Se descubrió que la pandemia de COVID-19 afecta gravemente a las personas mayores que son frágiles, y la afección se ha asociado con un mayor riesgo de progresión grave de la infección por el virus. **PALABRAS CLAVE:** Infecciones por Coronavirus. Fragilidad. Asistencia a los Ancianos. Anciano Frágil.

## 1. INTRODUÇÃO

O novo Coronavírus, denominado de *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus-2* (Sars-Cov-2), causador da *Coronavirus Disease-19* (COVID-19), é um vírus que possui a capacidade de promover uma infecção aguda grave sobre o organismo humano. Segundo o Ministério da Saúde (MS), o vírus não possui estágio crônico diante de infecção aos seres humanos, visto que estes não são seus hospedeiros por natureza (BRASIL, 2021). Zhang *et al.* (2020), trazem reforço sobre a afirmação do MS, apontando que em um período aproximado de duas a quatro semanas a carga viral passaria por um processo de eliminação no organismo.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o primeiro caso oficialmente notificado de infecção pelo novo vírus, aconteceu na cidade de Wuhan, na China, na data de 31 de dezembro de 2019, e deste então a enfermidade tem constituído uma das grandes preocupações no âmbito mundial, principalmente, por seu caráter infeccioso e grande potencial de mortalidade, quando na ausência de tratamento adequado – como exemplo, administração medicamentosa, anticorpos monoclonais, corticoides e suporte mecânico a depender do caso clínico (OMS, 2020).

A pandemia da doença da COVID-19, foi declarada pela OMS, em 11 de março de 2020, e deste então os países atingidos têm se mobilizado no enfrentamento da patologia, em meio ao que se configura como uma das maiores crises financeiras e sanitárias já enfrentadas. O MS contabilizou que até a data de 06 de abril do ano de 2020, a infecção já havia sido responsável por mais de 74.856 mortes ao redor do globo (BRASIL, 2020).

No cenário brasileiro, registros feitos pelo MS, demonstram que o primeiro caso de infecção pelo novo Coronavírus foi notificado em 26 de fevereiro de 2020, em um homem residente na cidade de São Paulo, com idade de 61 anos, que possivelmente trouxe a carga viral para o país ao retornar de uma viagem à Itália. O primeiro desfecho desfavorável da doença no país, aconteceu ainda no mesmo ano, em 17 de março, sendo a vítima da infecção um homem de 62 anos, anteriormente diagnosticado com comorbidades, demonstrando o fator de risco exercido pelas condições crônicas de saúde diante de infecção pelo novo vírus (BRASIL, 2020).

Atualmente no Brasil, conforme dados apontados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em um censo realizado no ano de 2020, aproximadamente 13% da população do país constitui-se de idosos, que de acordo com conceituação da OMS, compreende aqueles indivíduos que se apresentam com 60 anos ou mais de idade. Isso implica que 28 milhões de brasileiros residentes no país estão enfrentando o desafio do envelhecer, além dos próprios desafios impostos pela pandemia, com impactos multidimensionais (IBGE, 2020).

Diante disso, a população idosa - nos quais fatores de risco como: acometimento por doenças crônicas pré-instaladas, comorbidades, presença de fatores funcionais limitantes e mudanças fisiológicas, são uma realidade prevalente e/ou comum - tem sido colocada em posição de destaque no processo de discussão do contexto pandêmico enfrentado (VELLAS, 2020).

Segundo Hammerschmidt *et al.* (2020), um posicionamento mais eficiente para com o cuidado da população idosa se faz necessário diante da realidade de saúde vivenciada, objetivando minimizar os efeitos adversos ao bem-estar dos indivíduos, levando em consideração que a doença em seu estágio avançado, frente a presença de fatores de risco, pode evoluir mais facilmente para óbito.

O processo de envelhecimento é marcado por um curso progressivo de modificações - dentre elas: as dificuldades para deambular, principalmente, em idosos com doenças neurológicas, visão comprometida, ou mesmo devido ao sedentarismo; diminuição da resistência física e perda dos papéis sociais - tais aspectos exercem profundos efeitos sobre o indivíduo que o vivencia. Assim, essas alterações possuem natureza fisiológica, emocional, social, cultural e biológica, transformando a maneira como o indivíduo vive sua rotina, como ele vê a si mesmo na sociedade e em como a sociedade passa a enxergá-lo, sendo um acontecimento contínuo e intrincado a espécie humana (ARAÚJO, 2021).

Quintino *et al.* (2020), apontam que o processo de envelhecer humano, constitui um desafio ainda maior em meio a pandemia da COVID-19. De acordo com este mesmo autor, alguns indivíduos enfrentam o envelhecimento com relativo sucesso frente a todas as mudanças ocorridas com a senescência e com a realidade transformada pelas medidas sanitárias adotadas no controle do novo Coronavírus, diferentemente, alguns idosos passaram a conviver com maiores obstáculos e incógnitas diante da nova realidade, sendo dificultoso o processo de adaptação, o que resulta em pioras da qualidade de vida.

Ainda de acordo com Quintino *et al.* (2020), o enfrentamento das modificações que acontecem em si mesmo, concomitantemente as que ocorrem no ambiente no qual o idoso está inserido, enumeradas por Zhang *et al.* (2020), como: distanciamento social, isolamento, uso de máscaras e interrupção de atividades presenciais - em destaque: as de lazer e atividades físicas ao ar livre - podem trazer efeitos negativos sobre a saúde física e mental desses indivíduos. Dentre as possíveis consequências dessas medidas, podem ser citadas: a diminuição da autoestima, depressão, sentimento de desespero e/ou solidão, e isolamento. Brynn *et al.* (2020), também enumeram tais sintomas, e ainda adicionam a estes, o medo, a ansiedade e a angústia frente a infecção viral.

Ikegami *et al.* (2020), postulam que a velhice está relacionada em diversas alterações que, por sua recorrência, são comumente associadas a idade e que se demonstram na prática com o aumento da dependência física, déficits funcionais e corporais, demonstrando que o processo de envelhecimento por si só exerce limitação, o que é ainda mais grave em idosos fragilizados.

Assim, há uma conseqüente piora da qualidade de vida destes idosos e provável intensificação de aspectos limitantes pré-existentes, como a síndrome de fragilidade, condição prevalente na população que vivencia a terceira idade, em especial, aqueles idosos que receberam destaque por parte de Machado *et al.* (2020), residentes em Instituições de Longa Permanência (ILPs).

Segundo o MS, a síndrome de fragilidade representa um estado de saúde que se apresenta com riscos acrescidos de mortalidade, tornando o idoso mais vulnerável a eventos danosos de saúde, dentre as conseqüências têm-se a crescente dependência, incapacidade, predição a quedas e a lesões, e embora o conceito da síndrome seja amplo dentre as literaturas, a sua característica predisponente é a influência sobre maiores perdas funcionais de saúde frente a enfermidades e seu caráter debilitante.

Assim, a relação da infecção pelo novo Coronavírus com a síndrome de fragilidade presente em idosos, bem como a busca por compreender as repercussões desse fator de risco sobre o desfecho clínico dos pacientes mais velhos, tem erguido uma importante discussão sobre a fragilidade e suas conseqüências durante a pandemia (BLANCO, 2020). A síndrome de fragilidade desperta interesse, por ser uma condição de saúde relativa à senescência e se caracterizar como fator de predisposição a quadros mais graves da infecção pela COVID-19.

Desse modo, pacientes geriátricos que apresentam fragilidade são um grupo vulnerável no cenário pandêmico atual e uma atenção redobrada precisa ser direcionada ao melhor cuidado dessa população. Frente a isso, o presente estudo objetivou compreender os impactos exercidos pela pandemia da COVID-19 sobre a população idosa que apresenta quadro clínico de fragilidade.

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo constitui-se de uma revisão narrativa da literatura, na qual a coleta de dados bibliográficos foi realizada na data de 14 de abril de 2021, por meio da consulta de fontes secundárias e posterior levantamento de artigos na literatura publicados entre os anos 2020-2021. As bases de dados selecionadas como fontes de periódicos para o estudo, foram PubMed e Google Acadêmico, além da biblioteca virtual *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO). Os descritores aplicados durante a busca foram os seguintes: Infecção por Coronavírus, Fragilidade, Assistência a Idosos e Idoso Fragilizado; e os seus equivalentes em inglês: *Coronavirus Infections*, *Frailty*, *Old Age Assistance* e *Frail Elderly*.

Como critérios de inclusão determinou-se artigos publicados em inglês e português que contemplavam os descritores, estudos que discorriam sobre os impactos da pandemia de COVID-19 sobre a população idosa, textos que relacionavam ocorrência de casos mais graves da COVID-19 com a presença da síndrome de fragilidade em idosos e os que tratavam sobre as repercussões da infecção pelo novo Coronavírus sobre a piora

do quadro de fragilidade.

Como critérios de exclusão estabeleceu-se estudos que apresentavam outras abordagens sobre os impactos da pandemia, artigos que não traziam nenhuma relação sobre a doença da COVID-19 e a síndrome de fragilidade, que não abordavam sobre a saúde da pessoa idosa em tempos de pandemia, textos que apresentam outros períodos de publicação, produções em idiomas que não os especificados, artigos de revisão, literatura não revisada por pares, a saber, anais de eventos, editoriais, capítulos de livros, trabalho de conclusão de curso, teses e dissertações.

Desse modo, a partir da busca bibliográfica foram encontrados 1007 resultados, com somatória entre as três bases virtuais dispostas, SciELO, PubMed e Google Acadêmico. Subsequentemente, foi realizada a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos, que resultou em uma quantia total de 30 artigos científicos selecionados a constituir a amostragem para posterior análise.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A doença COVID-19 se instaurou como uma pandemia a nível mundial, com grande potencial de contágio e mortalidade. No que se refere a população idosa e as doenças subjacentes a esses indivíduos, associa-se a um prognóstico negativo entre os pacientes com COVID-19 (NUNES, 2020). Nesse cenário, os idosos considerados frágeis, ou seja, que possuem a chamada síndrome de fragilidade, estão mais expostos a complicações graves quando infectados pelo novo Coronavírus.

Conforme retrata a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em março do ano de 2020, o cenário de saúde instaurado tornou necessário uma maior vigilância por parte de toda a população para com a pandemia, apontando que o período exigia cuidados para com a saúde não apenas física, mas também mental (UNESCO, 2020). A organização também reforçou, que os idosos constituiriam um público-alvo das principais alterações, sendo classificados como “grupo de risco”, nesse caso, fazendo-se imprescindível o direcionamento de um olhar concentrado a esta que constitui substancial parcela da população.

Dourado *et al.* (2020), complementam o apontamento realizado pela UNESCO, e chamam atenção para o termo “grupo de risco”, referindo que vários prejuízos são vivenciados por esses indivíduos por consequência da pandemia, em destaque para os idosos com quadro de fragilidade – que constitui indiscutivelmente, um fator de risco. Dentre esses danos, podem ser enumerados: a sensação de insegurança, principalmente, aos idosos frágeis que sozinhos em isolamento precisam realizar tarefas sem ajuda; o medo de infecção pelo vírus ou de perder algum ente querido; mudanças de rotina – em especial, das atividades como exercícios físicos ao ar livre, ou participação em grupo de idosos – afastamento de familiares e perdas financeiras – o que também pode afetar a alimentação e

e nutrição. Lidoriki *et al.* (2020), também reforçam o papel da nutrição nesse período, sugerindo o grande potencial de influência exercido pelo fator nutricional sobre a saúde do idoso na pandemia.

Os dados obtidos em registros feitos na pandemia, apontam para uma acrescida taxa de mortalidade entre as pessoas com idade acima de 80 anos. Chen *et al.* (2020), afirmam que 14,8% dos infectados com idades aproximadas ou superiores a esta, morreram, em comparação com os apenas 8,0% de idosos com 70 a 79 anos e 8,8% entre aqueles de 60 a 69 anos. De acordo com Nunes *et al.* (2020), o risco de morte diante da COVID-19, aumenta à medida que a senescência progride, isso porque a maioria dos óbitos acontece em pessoas idosas, em especial as que possuem condições crônicas de saúde.

Casellato *et al.* (2020), asseguram que frente a todos os medos intrincados ao processo de envelhecimento e dos riscos estabelecidos pela doença da COVID-19 a estas pessoas, os indivíduos que vivenciam a terceira ou mesmo a quarta idade, sobretudo aqueles considerados frágeis, se percebem em uma posição vulnerável, estando mais expostos a ameaças, perdas funcionais temporárias e/ou permanentes, complicações mais graves, seja a nível físico ou emocional, e risco crescente de mortalidade. Kundi *et al.* (2020), trazem reforço a esta afirmação, e enfatizam que entender a fragilidade e realizar um manejo adequado deste quadro clínico, pode auxiliar na categorização de riscos, possibilitando avanços na criação de estratégias preventivas e terapêuticas.

A fragilidade representa um estado de risco aumentado de mortalidade e de eventos adversos, como: a dependência, limitação funcional, predisposição a doenças agudas, a lenta recuperação e a hospitalização diante de afecções, segundo retrata o MS (BRASIL, 2020). Diante disso, Hubbard *et al.* (2020), recomendam que seja priorizada na avaliação dos pacientes acometidos pela COVID-19, aspectos relacionados a investigação da presença de fragilidade, principalmente centrando a averiguação nos fatores: gravidade da doença aguda apresentada, a probabilidade de intervenções médicas serem bem-sucedidas e o grau de fragilidade.

Estudos de Ma *et al.* (2020), baseado no método de coorte prospectivo, cuja amostra consistiu em 114 pacientes idosos hospitalizados, confirmou a afirmação do MS e os pressupostos de Hubbard *et al.* (2020). A pesquisa baseou-se a partir de pré-testes, em que posteriormente dividiu-se os participantes em três grupos, G1 compreendia os pacientes não frágeis (39 pacientes, o que correspondeu a 34,2%); G2 era constituído pelos indivíduos pré-frágeis (39 participantes, ou seja, 34,2%) e G3 era formado pelos pacientes frágeis (36 idosos, correspondendo por 31,6%). Após o período de observação do estudo, houve a resolução de que em G1 quatro pacientes evoluíram para óbito (10,3%), G2 registou 15 pacientes (38,5%) e em G3 verificou-se mortalidade em 24 idosos (66,7%). Assim, os autores demonstraram uma associação direta entre a síndrome de fragilidade e o

risco aumentado de casos graves de COVID-19 em indivíduos mais velhos.

Aw *et al.* (2020), em uma pesquisa que incluiu 677 pacientes idosos em estado de internação, com idade de 65 anos ou mais, buscou demonstrar a relação entre fragilidade em idosos e casos graves da COVID-19. Primeiramente, fez-se aplicação da Escala de Fragilidade Clínica (CFS), sem deixar de analisar fatores como: idade, sexo, etnia e gravidade da doença; em seguida, verificou-se que 270 pacientes evoluíram para óbito, sendo todos associados com maior risco de mortalidade, idosos com CFS mais altos, entre quatro e nove, apresentavam maior índice de mortalidade em comparação ao que demonstraram CFS entre um e três. Além disso, os autores também apontam que idade avançada e sexo masculino indicaram maior risco.

Um estudo orquestrado por Chinnadurai *et al.* (2020), composto por 215 paciente, com idade de 74 anos, deliberou que do total de participantes, 86 morreram (40%), sendo que 63% desses pacientes eram frágeis, e apenas 37% faziam parte do grupo não frágil. O grupo de indivíduos frágeis também apresentou mais casos de doenças cardiovasculares e respiratórias (58% e 38%, respectivamente), em contraposição ao grupo não frágil (33% e 25% respectivamente). Sendo indicado com estes dados, que a idade avançada e a fragilidade, são os principais fatores de risco relacionados a mortalidade diante da infecção pelo novo Coronavírus. Poco *et al.* (2021), reforçam os dados do estudo anterior e adicionam que as apresentações atípicas da COVID-19, são mais comumente vistas em paciente frágeis.

Uma análise multicêntrica conduzida por Jung *et al.* (2021), com 1.346 participantes, com idade média de 75 anos, dentre os quais 21% eram frágeis, demonstrou que a sobrevida no grupo de idosos fragilizados foi menor (41%), em comparação ao grupo que não apresentava a condição (51%). Diante disso, os autores revelaram que a fragilidade está relacionada a maiores limitações de tratamento e menores taxas de sobrevida. No entanto, uma investigação realizada por Miles *et al.* (2020), em 217 casos de infecção pelo Sars-Cov-2, cujos participantes eram residentes do sul da Ásia, indicou a partir dos resultados que ambos os grupos com fragilidade e controle apresentaram os mesmos escores (95%), não demonstrando relação da fragilidade com quadros graves da doença. Diante da contraposição, pode-se perceber que mesmo que muitos estudos tratem da relação da fragilidade com maiores probabilidades de complicações e mortalidade pela infecção viral da COVID-19, ainda há na literatura, certa ambiguidade sobre o assunto.

Uma pesquisa realizada no Brasil, através de um estudo de coorte prospectivo multicêntrico, por Saraiva *et al.* (2021), com amostragem de 577 idosos com idade média de 80 anos residentes na cidade São Paulo, constatou que as medidas de quarentena adotadas pelas instituições de governo, afetaram a qualidade de vida (QV), em 77% dos idosos investigados. Observou-se com o estudo que nos casos em que a síndrome

de fragilidade estava presente, os efeitos foram duas vezes maiores, sendo não somente a QV mais impactada nesse último caso, como também as atividades de rotina e a mobilidade.

Um estudo de Araújo *et al.* (2021), com inclusão de 50 idosos com idade média de 68,6 anos, indicou que as medidas de controle adotadas durante a pandemia, afetaram a prática de atividade física por parte da população idosa investigada. Todos os participantes do estudo apresentavam quadro de comorbidade, sendo as doenças arteriais coronarianas as mais frequentes (92%), sucedidas pelas doenças renas (92%) e os distúrbios de audição (92%), em seguida o diabetes (80%) e as doenças reumáticas (76%). Quando se comparou os resultados das taxas de exercício antes e após a pandemia, os autores observaram que a queda na prática destas atividades foi maior em indivíduos não fragilizados em comparação aos fragilizados, isso significa que houve um aumento na fragilidade em idosos que anteriormente não apresentavam a síndrome.

Tais achados de Araújo *et al.* (2021), também recebem confirmação por parte de Smet *et al.* (2020), que apontam assertivamente essa relação, a partir de resultados obtidos em um estudo quantitativo que teve participação de idosos com idade média de 80 anos, o qual relacionou a síndrome de fragilidade com a infecção pelo novo Coronavírus, objetivando o entendimento sobre como a síndrome afeta a forma com que a doença da COVID-19 irá se desenrolar clinicamente sobre o paciente infectado. Os autores verificaram que de fato há esta influência, em destaque para pontos como: graus elevados de limitação, complicações adversas, curso de recuperação e taxas de mortalidade.

Reconhecer no que consiste a síndrome de fragilidade é fundamental, uma vez que permite a identificação dos idosos que apresentam maior risco de complicações mais sérias pela doença e, conseqüentemente, é capaz de impactar o cuidado para com o indivíduo, principalmente, daqueles que precisam de cuidado especializado, como indicado por Reis *et al.* (2021). Portanto, a síndrome de fragilidade tem representado um estado dinâmico de perdas que afeta áreas diversas, como cognição, aspectos físicos e funcionais, domínio social e emocional, e predispõe a pessoa idosa a enfrentar repercussões mais sérias, diante de infecção pelo Sars-Cov-2.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Verificou-se que a pandemia da COVID-19, causada pelo novo Coronavírus, impacta seriamente a saúde dos idosos que apresentam quadro clínico de fragilidade, tendo a condição sido associada a um maior risco de progressão mais grave da infecção pelo vírus. Percebe-se claramente, o quanto a população idosa frágil está vulnerável diante da pandemia da doença da COVID-19, tanto nos aspectos relacionados a saúde física quanto emocional.

Desse modo, é possível inferir que a síndrome de fragilidade, que atinge uma parcela substancial dos indivíduos que vivenciam a terceira ou mesmo a quarta idade

expõem esses pacientes, em especial os institucionalizados, a desfechos mais desfavoráveis diante da infecção pelo novo vírus, bem como predispõe esses idosos a perdas maiores diante da infecção e internação, como também coloca esses idosos em situações de risco com respeito a dificuldades maiores de recuperação e presença de sequelas.

Portanto, é necessário a aplicação de um cuidado gerontológico de caráter multiprofissional, bem como um direcionamento maior da sociedade, na proteção, cuidado, amparo e recuperação desse idoso fragilizado com foco no período pandêmico enfrentado. Tendo o estudo proporcionado uma melhor compreensão do período pandêmico e sua relação com a população idosa, principalmente a que apresenta uma condição de fragilidade, contribuindo para a formulação de políticas públicas e diretrizes de saúde que visem amparar essa população de uma forma específica, visando a manutenção de sua saúde.

Entretanto, não foi possível determinar a partir da averiguação bibliográfica as formas com que a fragilidade apresentada pelos idosos, diante da pandemia da COVID-19, pode prejudicar seu quadro de saúde a longo prazo, quais seriam de fato as sequelas mais prevalentes nesses pacientes de acordo com características mais específicas como, por exemplo, idade, sexo, etnia/raça; e a gravidade dessas manifestações sobre os indivíduos. Sendo assim, são necessários a realização de outros estudos que permitam ampliar o entendimento sobre o assunto, o que trará indiscutíveis benefícios para a sociedade.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P. O. *et al.* Institutionalized elderly: vulnerabilities and strategies to cope with Covid-19 in Brazil. **Invest Educ Enferm.** v. 39, n. 1, p. 07, 2021.

AW, D. *et al.* Association of frailty with mortality in older inpatients with Covid-19: a cohort study. **Age Ageing.** v. 23, n. 49, p. 915-922, 2020.

BLANCO, T. E.; BLANCO, S. G. Atención primaria y residencias de ancianos: a propósito de la COVID-19. **Semergen.** v. 46, n. 1, p. 26-34, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico - Infecção Humana pelo Novo Coronavírus (2019-nCoV).** [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é o Coronavírus? (COVID-19).** [Internet]. 2020.

BRYNN, A. Crisis Symptom Management and Patient Communication Protocols Are Important Tools for All Clinicians Responding to COVID-19. **J Pain Symptom Manage.** v. 60, n. 2, p. 98-100, 2020.

CASELLATO, G. *et al.* Os desafios enfrentados por idosos na pandemia-algumas reflexões. **Revista Kairós Gerontologia.** v. 23, p. 379-390, 2020.

CHEN, N. *et al.* Epidemiological and clinical characteristics of 99 cases of 2019 novel coronavirus pneumonia in Wuhan, China: a descriptive study. **The Lancet.** v. 395, n. 10223, 2020.

CHINNADURAI, R. *et al.* Older age and frailty are the chief predictors of mortality in COVID-19 patients admitted to an acute medical unit in a secondary care setting- a cohort study. **BMC Geriatr.** v.16, n. 20, p. 409, 2020.

DE SMET, R. *et al.* Frailty and Mortality in Hospitalized Older Adults With COVID-19: Retrospective Observational Study. **J Am Med Dir Assoc.** v. 21, n. 7, p. 928-93, 2020.

DE SOUZA QUINTINO, A. S. *et al.* O impacto do envelhecimento em tempos de pandemia e o isolamento social na terceira idade. **Linkscienceplace-Interdisciplinary Scientific Journal.** v. 7, n. 3, 2021.

DOS REIS, K. M. C. *et al.* Cuidados paliativos para idosos frágeis durante a pandemia do Coronavírus. **Health Residencies Journal-HRJ.** v. 2, n. 11, p. 26-41, 2021.

DOURADO, S. *et al.* A pandemia de COVID-19 e a conversão de idosos em “grupo de risco”. **Cadernos de Campo.** v. 29, p. 153-162, 2020.

HAMMERSCHMIDT, K. S. A.; SANTANA, R. F. Saúde do idoso em tempos de pandemia covid-19. **Cogitare Enfermagem.** v. 25, n. 1. 2020.

HUBBARD, R. E. *et al.* Frailty in the face of COVID-19. **Age Ageing.** v. 1, n. 49, p. 499-500, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), 2020.  
Disponível em: <https://censo2020.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/24036-idosos-indicam-caminhos-para-uma-melhor-idade.html>

IKEGAMI, É. M. *et al.* Functional capacity and physical performance of community-dwelling elderly: A longitudinal study. **Cienc e Saude Coletiva.** v. 25, n. 3, p. 1083-90, 2020.

JUNG, C. *et al.* The impact of frailty on survival in elderly intensive care patients with COVID-19: The COVIP study. **Crit Care**. v. 19, n. 25, p. 149, 2021.

KUNDI, H. *et al.* The role of Frailty on Adverse Outcomes Among Older Patients with COVID-19. **J Infect**. v. 81, n. 6, p. 944-951, 2020.

LIDORIKI, I. *et al.* Could nutritional and functional status serve as prognostic factors for COVID-19 in the elderly? **Med Hypotheses**. v. 144, n. 1099, p. 4-6, 2020.

MACHADO, C. J. *et al.* Estimativas de impacto da COVID-19 na mortalidade de idosos institucionalizados no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 25, p. 3437-3444, 2020.

MA, Y. *et al.* The association between frailty and severe disease among COVID-19 patients aged over 60 years in China: a prospective cohort study. **BMC Med**. v. 7, n. 18, p. 274, 2020.

MILES, A. *et al.* Outcomes from COVID-19 across the range of frailty: excess mortality in fitter older people. **Eur Geriatr Med**. v. 11, n. 5, p. 851-855, 2020.

NUNES, V. M. A. *et al.* **COVID-19 e o cuidado de idosos**: recomendações para instituições de longa permanência. Natal: EDUFRN; 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA (UNESCO). Suspensão das aulas e resposta à COVID-19. [Internet]. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/educacao-escolar-em-tempos-pandemia-na-visao-professores-da-educacao-basica-uma-pesquisa>

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Novo Coronavírus (2019-nCoV) orientação técnica**. [Internet]. Geneva: OMS, 2020.

POCO, P. C. E. *et al.* Divergent: Age, Frailty, and Atypical Presentations of COVID-19 in Hospitalized Patients. **J Gerontol A Biol Sci Med Sci**. v. 25, n. 76, p. 46-51, 2021.

SARAIVA, M. D. *et al.* The Impact of Frailty on the Relationship between Life-Space Mobility and Quality of Life in Older Adults during the COVID-19 Pandemic. **J Nutr Health Aging**. v. 25, n. 4, p. 440-447, 2021.

VELLAS, C. COVID-19, Virology and Geroscience: A Perspective. **J Nutr Health Aging**. v. 24, n. 7, p. 685-691, 2020.

ZHANG, W. **Manual de Prevenção e Controle da Covid-19 segundo o Doutor Wenhong Zhang**. 1ª edição. São Paulo: Polo Books, 2020.